

Semanário provincial

JORNAL do ALGARVE

ANO 2.º

SÁBADO, 12 DE ABRIL DE 1958

N.º 55

DIRECTOR E PROPRIETÁRIO: JOSÉ BARÃO EDITOR: SEBASTIÃO SANTOS SILVA DELEGAÇÃO EM LISBOA - TELEFONE 31839 AVENÇA
 REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: RUA DA PRINCESA, 72 - VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO - TELEFONE 254 COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO: GRÁFICA DO SUL - V. R. S. ANTÓNIO

A verdade sobre os discos voadores

JORNAL do ALGARVE acaba de adquirir os direitos de publicação em Portugal de uma série sensacional de crónicas sobre o mais inquietante problema do nosso tempo — **OS VISITANTES DE OUTROS PLANETAS.** Trata-se da revelação de notícias que durante muito tempo foram zelosamente guardadas pelas autoridades dos Estados Unidos, Inglaterra, França, Canadá e outros países e que vieram agora a lume através do inquérito do jornalista Jimmy Guieu.

(Exclusivo mundial da Agência SELIT - Exclusivo para Portugal do JORNAL DO ALGARVE)

POVOAÇÃO OUTRORA PROGRESSIVA MEXILHOEIRA DA CARREGAÇÃO

É HOJE UMA TERRA DECADENTE SEM ÁGUA, SEM HIGIENE E SEM HABITAÇÕES

JORNAL DO ALGARVE

Agradecemos a todos os colegas que em termos muito amigos se referiram ao nosso 1.º aniversário e sem desmerecimento para qualquer deles, queremos significar os nossos protestos de camaradagem aos prezados colegas «Diário de Lisboa», «Diário da Manhã» e «Correio do Sul».

E no entanto esta situação modificar-se-ia se as entidades respectivas olhassem com carinho as aspirações legítimas da laboriosa aldeia

MEXILHOEIRA DA CARREGAÇÃO — Junto à margem esquerda do poético rio Arade, que, na sua marcha dolente para o oceano a beija ternamente, fica esta encantadora povoação. Fundada pelo rei

Conclui na 6.ª página



PEQUENO PANTAGRUEL

ORA aqui têm como o nosso amiguinho festejou o domingo de Páscoa! Aproveitando a distração dos papás, lançou as mãozinhas a uma perna de cabrito e ei-lo a contatá-la. Não sabemos se a trespassou integralmente para o estômago, o que constituiria um enxovalho para o famoso Pantagruel, mas o entusiasmo que se surpreende na mãozinha esquerda, agarrando ciosamente a presa e o amparo dos sapudos dedinhos da mão direita dão-nos poucas esperanças de que tivesse restado qualquer porção comestível da coxa do cabrito.

Esperemos que o menino não tenha apanhado uma indigestão e que bom proveito lhe fizesse o succulento naco de carne.

Recomeça na terça-feira A PESCA

FINDOS os três meses de defeso, recomeçam na terça-feira a sua faina as traineiras da nossa costa. Nem todas elas poderão sair para o mar em consequência de estarem ainda a sofrer reparações.

Embora a conjuntura económica não seja muito animadora, estamos convencidos que a temporada será frutífera, devido ao elevado preço porque corre o pouco peixe que aparece para consumo.



Panorâmica de Mexilhoeira da Carregação, aldeia outrora próspera e que ainda não desanimou do seu futuro

O GUADIANA PORTA DO MUNDO



Entre os navios entrados a semana passada no porto de Vila Real de Santo António, um deles, o «Fortuna», atraiu a atenção pública pela sua coracção de linhas, elegância de desenho e brancura do costado e de toda a estrutura. O «Fortuna», magnífica motonave, da Suca, de Estocolmo, é comandado pelo capitão Oskar Swahn, tem 32 tripulantes e foi construído há três anos, sendo portanto uma das mais modernas unidades da frota mercante sueca. Consignado à firma Marques, Vaz Velho & Cia, Lda., carregou na Vila Pombalina cerca de 300 toneladas de cortiça e conservas de peixe de Faro, Olhão e Vila Real de Santo António destinadas a Nova Iorque e Gloucester. Apesar de um guindaste do porto estar em reparação e o outro se ter avariado, o que é lamentável, a carga fez-se com a presteza e a disciplina habituais, utilizando-se três paus de carga do navio e decorrendo tudo de molde a merecer elogios do pessoal de bordo. As nossas gravuras representam — a da esquerda, os carregadores conduzindo os

fardos de cortiça para a borda do navio; a do centro, a recolha da cortiça que fica nos vagões e que os preceitos e a honestidade mandam que se arrebanhe e se devolva ao carregador; e a da direita, dezenas de vagões carregados de fardos que vão passando para os porões do «Fortuna» acostado ao fundo da muralha.

Maior movimento teria o importante porto algarvio se não fora os encargos que por parte da Junta Autónoma pesam sobre as mercadorias em trânsito de Aiamonte e Isla Cristina que, por esse facto, procuram o porto de Huelva para a sua saída.

E a propósito do precalço com os guindastes do porto e da «doença» que os acometeu, é oportuno lembrar que há uns dois anos um agente de navegação pediu licença para motorizar os dois guindastes manuais, a fim da descarga do atam se fazer com mais rapidez. Foi-lhe respondido que a Junta Autónoma trataria da instalação dos motores. Foi há dois anos... e tudo continua na mesma!

Opiniões de um louletano acerca de Vila Real de Santo António

NOSSO amigo sr. Raul Pinto, que durante algumas semanas esteve em missão profissional em Vila Real de Santo António, teve a amabilidade de nos dirigir a seguinte carta aberta que inserimos com o maior prazer:

Meu caro e velho amigo:

Quiseram as andanças profissionais que eu viesse dar a Vila Real

Conclui na 5.ª página

No desejo de valorizar a Imprensa provincial, dando-lhe em certa medida um interesse nacional, o JORNAL DO ALGARVE, pela primeira vez em Portugal e como jornal provincial, se atreve a assumir responsabilidades equivalentes às dos grandes jornais mundiais, não hesitando em fazer o pesado sacrifício de adquirir um exclusivo sensacional que por certo vai surpreender os seus leitores, com as revelações espantosas que vão ter a oportunidade de ler e de ver documentadas em fotografias.

Através desses artigos verificar-se-á que afinal o nosso mundo não passa de um dos milhares de mundos que povoam o Universo, cada um deles habitado por seres que vivem possivelmente, embora em nível superior, as mesmas esperanças e as mesmas dúvidas que o ser humano. JORNAL DO ALGARVE, ao fazer este sacrifício, ao tentar sacudir a modorra das pequenas gazetas provincianas, imprimindo-se uma feição internacional e ilustrativa, com projecção para lá das fronteiras do Algarve, deseja corresponder à simpatia de que o Algarve o rodeou e contribuir para que os algarvios melhor se documentem sobre o mais inquietante enigma do nosso tempo.

A série de artigos começará a publicar-se brevemente e advertimos que pelo contrato de aquisição não a podemos repetir, pelo que os interessados devem assegurar-se da assinatura do jornal, quer junto dos nossos prezados agentes, quer escrevendo para a Administração. A VERDADE SOBRE OS DISCOS VOADORES, exclusivo para Portugal do JORNAL DO ALGARVE, vai certamente causar sensação pelas revelações extraordinárias que Jimmy Guieu faz ao público.

O ALGARVE NA OBRA DE TEIXEIRA GOMES

(conclusão)

por J. MIMOSO BARRETO

NA «Sabina Freire», sua única obra de teatro, Teixeira Gomes inscreve um heterónimo, o Júlio, «poeta do mar algarvio», ao qual bastam a natureza do Algarve e o corpo de Sabina para ser feliz.

A «Gente Singular» principia por uma evocação dos Pegos Verdes, («oásis de laranjeiras sepultado num vale da serra entre estevais sem fim») — «o refúgio», o «bucólico sanatório», indispensável às suas crises de melancolia, onde faz decorrer a curiosa historietta «D. Joaquina Eustáquia Simões d'Aljezur».

Relembra «as belas sextas dormidas no terreiro da igreja debaixo duma copadíssima alfarrobeira, que

ali imperava escoltada por oliveiras».

Depois, evoca «a monstruosa penedia mocissa de Sagres», as vár-

Conclui na 4.ª página

A saúde é a maior riqueza

FALTA DE ÁGUA NO ORGANISMO

A água é absolutamente indispensável ao organismo. A sede, sinal de que o organismo sente falta desse líquido, deve ser saciada, exactamente como acontece com o sono e a fome.

Beba água sempre que tiver sede. Evitará, assim, as consequências desagradáveis da sua falta no organismo.



por CASIMIRO DE BRITO

Árvores

Uma ausência que se sente bastante, numa cidade, é a de árvores. Uma cidade, pelas características de aglomerado populacional intrínsecas, (o atrofiamiento dos grandes blocos de habitação, a limitação normal dos edifícios elevados), deve ter, pelo menos nas vias principais, uma arborização mais ou menos densa de modo a dar-lhe frescura e, vamos lá, beleza.

Para tal, é necessário inicialmente que tenha algumas avenidas, ruas largas, ou um outro largozito (que convide as crianças a abrir os pulmões saturados do ar gasto), isto é, condições naturais que permitam a plantação de árvores, muitas árvores, quanto mais árvores melhor.

Ora Faro, actualmente, tem algumas ruas que estão a pedir as suas árvores, as suas sentinelas de verde e de sombra. Está nesse caso a nova Rua do Ferregial, de largos passeios, servindo precisamente um local onde as árvores cairiam maravilhosamente: conduz à Alameda João de Deus, ao Porto Novo, à Escola Comercial; é a rua do Comando da Polícia! — dois renques de árvores por aí adiante, altivas e serenas, dando um pouco de suavidade aos nossos verões incandescentes, parece-me uma imagem de Faro que seria aceite por todos os amigos da cidade.

Simplemente há quem diga que as árvores não se dão bem por estes lados, mas isso já é outra conversa. Será, de facto, um facto? É certo que as árvorezinhas da Avenida 5 de Outubro não se resolvem a crescer, o mesmo para as que enfrentam a Escola Industrial, idem para as do Largo Pê da Cruz... Todavia, no mesmo Largo Pê da Cruz, na mesma Avenida 5 de Outubro, há árvores que parecem gigantes vegetais pela sua imponência.

Não se tratará de qualquer anomalia? A qualidade das árvores? O carinho que lhes é dedicado; refiro-me a regas e seus derivados?

Faro é uma cidade que se vai abrindo. As ruas vão-se alargando. E as árvores continuam a não ser árvores mas simples e ineficazes varinhas de condão!

Haverá possibilidade de dar um toque neste estado de coisas?

Aguardaremos como quem aguarda um filho: ansiosamente...

VENDE-SE

Lote de terreno no sítio do Lazareto, confrontando ao Sul com a estrada da Mata.

Informa-se na redacção do «Jornal do Algarve».

Tem tido grande concorrência a exposição do Cine-Clube de Vila Real de Santo António

CONFORME noticiámos, foi inaugurada às 11 horas de domingo, pelo sr. Matias Barroso Gomes Sanches, presidente da Câmara Municipal, a exposição bibliográfica com que o Clube de Cinema da Vila Pombalina comemora o seu terceiro aniversário, instalada no antigo salão de bilhares do «Café Centeno», na Praça Marquês de Pombal.

O presidente da direcção do Cine-Clube, sr. dr. José de Sequeira Colaço Fernandes agradeceu ao sr. presidente da Câmara o ter aceite-o de convite que lhe fora feito para inaugurar a exposição, referindo-se à finalidade desta, ao valor do Cineclubismo como fonte de cultura e às dificuldades económicas e outras que tem sido preciso vencer para se conseguir manter a colectividade que dirige.

O sr. presidente do Município, agradeceu as palavras que pelo sr. dr. Colaço Fernandes lhe haviam sido dirigidas, disse que tinha muita honra em inaugurar a exposição, visto ela representar um contributo para o aumento da cultura da população local, através de um melhor conhecimento e interpretação do cinema, e que tem vindo apreciando a boa actividade desenvolvida pelos actuais dirigentes do Cine-Clube, traduzida nas várias campanhas por estes empreendidas com êxito.

Depois de prometer todo o auxílio que pela Câmara fosse possível conceder, cortou a fita simbólica, declarando inaugurada a exposição, que percorreu demoradamente e para a qual teve no fim da visita palavras de muito apreço.

Assistiram ao acto inaugural, entre outros convidados, os srs. Pedro Martins Socorro, vice-presidente do Município, Alfredo Bastos, chefe do posto da P. I. D. E., Luís Cardoso de Figueiredo, comandante dos Bombeiros Voluntários, representantes da Imprensa, do Grupo N.º 60 da Associação dos Escuteiros de Portugal e das direcções do Clube Náutico, Lusitano e Glória Futebol Clube.

A exposição, que permanecerá aberta até amanhã e tem sido muito frequentada, é constituída por numerosos gráficos, e programas dos Cine-Clubes do País, dispostos sobre placas de madeira, com decorações alegóricas, de bom nível artístico, da autoria das srs. D. Maria Ângela Pereira e D. Emília Carmen Dias Xavier, nela figurando também muitos jornais, revistas e livros, nacionais e estrangeiros, sobre cinema.

Ao que sabemos, dadas as facilidades presentemente concedidas pela direcção do Cine-Clube, têm sido muitas as inscrições de sócios ultimamente registadas. Bom será que estas continuem em ritmo regular, a fim de que, ocupada toda a primeira plateia do Cine-Foz, a mesma direcção possa levar a cabo os empreendimentos em vista, nomeadamente a continuação das duas sessões mensais e das sessões recomendadas, o início das sessões infantis e a aquisição da máquina de projectar de 16 m/m.

NOTÍCIAS PESSOAIS

Dr. Eugénio Francisco R. Cabrita

Por ter sido promovido e colocado em Lisboa, deixou de exercer as funções de delegado do Procurador da República em Tondela, o nosso compatriota e assinante sr. dr. Eugénio Francisco Rocha Cabrita.

Partidas e Chegadas

Estiveram em Algos os srs. drs. Vítor Manuel Leite Marreiros, juiz da comarca de Vila Real de Santo António, acompanhado de sua esposa, e Graça Mira, farmacêutico em Faro, assim como, a passar as férias da Páscoa com seus pais, a sr.ª D. Maria Francisca Negrão Cabrita Gomes, finalista da Faculdade de Letras de Lisboa.

Vimos em Vila Real de Santo António, acompanhado de sua esposa, o sr. Eurico dos Reis Barros, nosso assinante em Beja.

Estiveram em Vila Real de Santo António, passando as férias da Páscoa, acompanhados de suas famílias, os nossos assinantes srs. dr. José Isidoro Farrajota Rocheta, eng. Sebastião Ramires, Francisco Ortigão Gomes Sanches e José de Brito Folque, dr. Humberto Sérgio de Brito Avó, João Francisco Ramos, dr. Jorge Lopes Bonança, Hugo Celorico Drago, José do Carmo Bonança e Damião Carrilho Medeiros.

Encontra-se em Vila Real de Santo António, em gozo de férias, o sr. Manuel Pego Vas Mairus, funcionário da P. I. D. E. e nosso assinante no Porto.

Embarca hoje no paquete «Angolão», com destino a Lourenço Marques, a fim de ir prestar serviço no navio hidrográfico «Amirante Lacerda», o 1.º sargento da Armada, sr. Mário Luís Tavares de Alcobia, nosso assinante em Faro.

Veio passar a Páscoa, com sua família, em Olhão, a sr.ª D. Etelevina dos Reis do Nascimento, residente no Seixal.

Também estiveram passando as férias em Olhão, os estudantes do curso superior, srs. Luís Casimiro Pacheco de Aragão Barros e Juciano Morais.

Veio propositadamente a Olhão, fazer uma conferência, o nosso colaborador sr. Arnaldo Martins de Brito, a fim de se associar às comemorações do centenário da Sociedade Recreativa Olhanense.

Com pouca demora, esteve em Vila Real de Santo António, acompanhado de sua esposa e filho, o sr. Dante Barbosa Guerreiro, nosso assinante em Lisboa.

Deu-nos o prazer da sua visita à nossa Redacção, o sr. Alvaro Duarte Gomes, correspondente do Jornal do Algarve em Algos.

Regressaram a Évora, depois de terem passado as férias da Páscoa em Vila Real de Santo António, as srs.ªs D. Mabilha Machado e D. Maria Leonilde Cabrita da Silva.

Vimos em Vila Real de Santo António, com sua esposa, o sr. dr. Joaquim Vas Palma, nosso assinante em Monchique.

Encontra-se em Alcantarilha o sr. João Manuel Inácio Penísga, nosso assinante na Base Aérea n.º 6, no Montijo.

Encontram-se viajando pelo Norte do País os nossos assinantes srs. João dos Santos Horta e Joaquim de Almeida Mortágua, acompanhados de suas esposas.

Esteve em Lisboa, onde foi assistir ao casamento de sua irmã, como noutra local noticiamos, o sr. António Ribeiro Clemente, nosso assinante em Vila Real de Santo António.

Em casa de seus primos, em Vila Real de Santo António, esteve passando as férias da Páscoa a menina Maria de Fátima Glória Ramalho, filha do sr. José Ramalho, nosso assinante em Belo-Horizonte (Brasil).

Baptizado

Na igreja de Nossa Senhora da Conceição, do Rossio ao Sul do Tejo, realizou-se o baptismo da filhinha da nossa conterrânea sr.ª D. Maria Manuel Rosa Rodrigues e de seu marido, sr. Delfim Rodrigues, funcionário da C. U. F., em Alferfaredo. Foram padrinhos da neófito, que recebeu o nome de Maria da Conceição, a menina Maria Margarida d'Afonseca Beja Godinho e o nosso amigo rev. dr. Sesinando Oliveira Rosa.

Casamentos

Na igreja das Mercês realizou-se o casamento do sr. António José Baptista Barão, filho do nosso director e de sua esposa sr.ª D. Ana Lopes Baptista Barão, com a sr.ª D. Maria Anita Inês Quintas, filha da sr.ª D. Maria Inês Quintas e do sr. Francisco António Quintas.

Foram padrinhos, do noivo, seus pais e da noiva, a sr.ª D. Maria Margarida Castro Junça e o 2.º tenente sr. Orlando Sátiro de Andrade de Castro Junça. Celebrou o acto o rev. dr. Sesinando de Oliveira Rosa, amigo da família do noivo, que pronunciou algumas palavras de profundo sentido moral.

Em Lisboa, na igreja de Santa Engrácia, realizou-se o casamento da sr.ª D. Maria de Lourdes Ribeiro Clemente, professora oficial, filha da sr.ª D. Josefa Mourão Ribeiro Clemente e do sr. Francisco Neves Clemente, já falecido, com o sr. José Germano Pinheiro

ECONOMIA PRIMAYERA

Não são animadoras as perspectivas do mercado corticeiro

LEMOS na «Espanha Económica» a seguinte local que por ter manifestado interesse para o nosso País, pedimos licença para transcrever: «As perspectivas do mercado de cortiça não são muito animadoras. As actividades dedicadas à produção corticeira fazem apelos à ciência a fim de que os investigadores descubram novos campos de aplicação que consigam aliviar o mercado da cortiça do estado crítico que se vislumbra e que é devido, mais que a qualquer outro factor, à crescente concorrência dos produtos sintéticos que de dia para dia se empregam em maior escala como substitutos da cortiça natural. Conseguiram-se nos últimos anos, na verdade, significativos progressos na aplicação da cortiça nas indústrias têxtil, do automóvel, etc., e são cada vez mais utilizadas na indústria as combinações de cortiça e borracha, mas é necessário procurar novas aplicações para compensar as que se perdem irremediavelmente, se se quer afastar a perspectiva da crise.

«A situação tem grande repercussão no comércio internacional da cortiça. Nos países não produtores recorre-se cada vez mais às composições sintéticas. Nos meios industriais dos Estados Unidos opina-se que o volume das importações de cortiça, cujos principais fornecedores são a Espanha e Portugal, está iniludivelmente relacionado com os diversos substitutos sintéticos lançados no mercado. Por outro lado, os técnicos norte-americanos afirmam que a baixa de preços da cortiça natural favorecerá o desenvolvimento do seu consumo nos Estados Unidos. Mantendo-se um nível de preços relativamente elevado, a única alternativa que se oferece à indústria corticeira americana para incrementar o consumo, estará a cargo da investigação orientada no sentido da descoberta de novos campos de aplicação para a dita matéria prima. Não há dúvida que a segunda solução é a mais aconselhável, porque a baixa dos preços, tendo em conta a série de factores que interveem no seu estabelecimento, é difícil poder conseguir-se nesta altura; de qualquer modo impõe-se, não há dúvida, e estabilidade dos preços que presentemente vigoram, pois a mais ligeira reacção altista agravaria a situação. Impõe-se atender com esmero os mercados conseguidos: Estados Unidos, Inglaterra e Argentina. Impõe-se também a activação de novos mercados: Checoslováquia, Hungria e Roménia, que podem compensar as diminuições nas compras de outros países, como Alemanha, etc.»

Exportação de frutas

Vamos dar alguns números referentes a exportação de frutas, os quais não incluem as frutas do Algarve. Referem-se eles ao ano findo e dizem respeito a todas as regiões do País, excepto a nossa Província. Amêndoa em casca, 320 toneladas; miolo de amêndoa, 1.307 ton.; figos secos, 31 ton.; laranjas, 41 ton.; miolo de pinhão, 47.644 quilos; tangerinas, 3.271 quilos; azeitonas pretas, 1.000 ton.; azeitonas verdes, 986 ton.; batatas, 12.353 ton.; cebolas, 2.419 ton.; pimentão, 188 ton. e tomates, 26.658 quilos. Os maiores importadores de batata foram o ultramar português, as ilhas ocidentais holandesas, a Holanda, colónias inglesas, Congo Belga, Bélgica, colónias francesas e Ceilão.

No que respeita ao Algarve, ex-

portámos no ano findo 1.643 toneladas de miolo de amêndoa; 260 ton. de amêndoa em casca; 4.265 ton. de figo; 1.782 ton. de pasta de figo e 9.579 ton. de alfarroba.

Protecção aos olivais em Espanha

As reduzidas colheitas de azeitona registadas nos dois últimos anos em Espanha, levam as autoridades do vizinho país a encarar medidas de defesa da oliveira, medidas que já começaram a ser postas em prática com o tratamento contra o aranicho na província de Jaen. Em princípio, essas medidas são as seguintes: adubação abundante, defesa em grande escala contra as pragas e proibição do varejo como processo de colheita. «Se se puserem em prática tais medidas — de-

Una mañana temprano toda en flor la enredadera. Asomándose al balcón exclamé con emoción: ¡Pero si ya es Primavera! Miré al Cielo... Ni una nube lo empañaba. Las preciosas golondrinas, travesas y chiquitinas por el Cielo azul volaban. En una jaula chiquita, cantaba un ruiseñor. ¡Oh! qué dulce melodía entona en este día para alabar al Señor. Ráuda bajé al jardín para contemplar las flores. Claveles, nardos y rosas, todas ellas muy hermosas exalando sus olores. Todo el ámbito se llena de variados olores. ¡Oh Primavera dichosa! Y esas plantas tan preciosas con sus múltiples colores. ¡Oh mi linda Primavera! dulce paz del alma mía. Si ya nunca más volverás de pena y dolor morir. ¡Mi querida Primavera!

Maria Emilia Dias do Carmo

MOVIMENTO PORTUÁRIO

de 3 a 9 de Abril ENTRADOS: «Starling», Inglês, de 1.356 ton., de Lisboa, com carga em trânsito; «Rimberg», Alemão, de 1.212 ton., de Leixões, vazio; «Maria Christina», Português, de 549 ton., de Lisboa, vazio; «Zé Manel», Português, de 926 ton., de Lisboa, vazio; «Mira Terra», Português, de 562 ton., de Lisboa, vazio; «Grandson», Suíço, de 616 ton., de Leixões, com carga em trânsito.

SAÍDOS: «Starling», para Avonmouth, com alfarroba; «Rimberg», para Roterdão, com minério; «Maria Christina», «Zé Manel» e «Mira Terra», para Lisboa, com minério; «Grandson», para Livorno e Génova, com conservas.

clarou o presidente do Sindicato da Oliveira — a produção pode aumentar entre 70.000 a 80.000 toneladas anuais.

Aproveite as suas férias para visitar a EXPOSIÇÃO UNIVERSAL E INTERNACIONAL DE BRUXELAS o maior acontecimento dos últimos tempos

DE ABRIL A OUTUBRO DE 1958



A SABENA é a única companhia a explorar serviços internacionais em helicópteros para passageiros CONSULTE A SUA AGENCIA DE VIAGENS

NA COMEMORAÇÃO do I centenário da Sociedade Recreativa Olhanense

FOI, há dias, festejado o I centenário da Sociedade Recreativa Olhanense, uma das instituições

AGRADECIMENTO LUÍSA ROSA DO CARMO FERNANDES

Os filhos, genros, noras e netos de Luísa Rosa do Carmo Fernandes vêm por este meio agradecer, muito reconhecidos, a todos quantos se dignaram acompanhar à sua última morada a sua querida mãe, sogra e avó.

Picão e o sr. dr. Manuel Azevedo Leiria, médico em Estoi. Os noivos seguiram em viagem de núpcias para Lisboa.

Aos noivos deseja Jornal do Algarve as maiores felicidades.

Doente

Tem passado incomodado de saúde o funcionário da Casa dos Pescadores de Olhão, sr. Joaquim Lourenço Capela, residente em Faro.

fez uma conferência o sr. Arnaldo Martins de Brito

mas antigas do Algarve e de que foram fundadores, entre outros, os pais do escritor Júlio Dantas e do poeta João Lúcio. A memorável data foi celebrada com uma conferência do nosso amigo e colaborador sr. Arnaldo Martins de Brito e um serão de arte. Presidiu o sr. João de Jesus Ventura, um dos sócios mais antigos, ladeado pelos srs. Joaquim António Pacheco Júnior e José Gaspar, também sócios da velha guarda. O salão estava cheio de pessoas de Olhão e Faro e, aberta a sessão, falou o sr. dr. Francisco Fernandes Lopes que fez uma evocação do vida associativa olhanense e dos fundadores da colectividade. Depois o sr. dr. Hugo Pestana apresentou o sr. Arnaldo Martins de Brito que ia dizer a sua conferência sobre «O que deve

Continua na 5.ª página

Visado pela delegação de Censura

Advertisement for DITHANE z-78 insecticide, featuring the logo of Sociedade Permutadora S. A. R. L. and contact information for Alfredo de Campos Faísca in Vila Real de Santo António.

Associação de Futebol de Faro

A direcção da Associação de Futebol de Faro publicou em comunicado, as seguintes conclusões, a propósito da venda de bilhetes nos jogos oficiais realizados em Portimão e suas pretensas irregularidades, a qual, pela sua gravidade, motivou rigoroso inquérito por parte da Federação Portuguesa de Futebol:

«Considerando o acontecido e vendo-o sob o ponto de vista da imparcialidade, não nos restam dúvidas de que tudo o que se passou não é mais do que o receio infundado do Portimonense, de se ver prejudicado nas receitas de jogos efectuados no seu campo.

— Apreciada e controlada a existência de bilhetes, verifica-se a exactidão dos números, pelo que não há provas, como o Portimonense insinua, de quaisquer irregularidades por parte da Associação de Futebol de Faro.

— Assim e em face do exposto, concluímos não subsistir em dúvidas quanto à honestidade de processos empregados pela Associação de Futebol de Faro, verificando-se, da parte do Portimonense, que os seus directores se deixaram influenciar pelos mexericos com a respeito dos bilhetes corriam, mostrando, assim, graves tendências para se deixarem lograr por circunstâncias aparentes, que a boa ética aconselhava a repudiarem.

Resolução da direcção da F. P. F., em sua reunião de 29-5-1958: «Julgar insubsistente a reclamação apresentada pelo Portimonense Sporting Clube e condenar este clube no pagamento das custas a que o citado inquérito deu lugar».

COLUMBOFILIA

Prova Grândola-Vila Real de Santo António

A quinta prova da campanha desportiva de 1958 levada a efeito pelo Grupo Columbófilo Guadiana, teve o seguinte resultado:

Grândola — total 148 kms., à média de 1.509,380 m/m.

Ordem da chegada: 1.º José A. C. Oeiras; 2.º e 12.º Caetano da C. Guimarães; 3.º João F. D. Salas; 4.º e 17.º António A. Vargas; 5.º, 6.º, 7.º, 8.º, 11.º e 18.º, dr. Manuel P. F. Vargas; 9.º e 14.º Manuel Guerreiro; 10.º Marcelino da Silva; 13.º e 19.º João M. Ferramacho; 15.º Gerónimo M. Estêvão; 16.º António J. Caixinha; 20.º António Vicente; 21.º António J. P. Leal.

Amanhã realiza-se a prova de Setúbal, no total de 195 kms.



PINGUE-PONGUE

Realizaram-se dois encontros de ténis de mesa, um no dia 5 em Olhão, e no dia 9 em Faro, entre as equipas do Sporting Clube Farense e do Clube Desportivo «Os Olhanenses».

«Os Olhanenses», 1—Farense, 8

«Os Olhanenses»: Reis, Dias, e José Agostinho. Farense: Paraíso Pinto, Carlos Madeira e Pereira. O resultado obtido, exprime concretamente a superioridade do conjunto de Faro, que merecidamente alcançou tão retumbante vitória. Paraíso Pinto, recente vencedor dos campeonatos universitários de Lisboa, mostrou-se excelente a defender. Carlos Madeira jogador do Sporting Clube de Portugal, confirmou mais uma vez a sua categoria. Pereira jogou acertadamente.

Em «Os Olhanenses», embora José Agostinho tivesse adquirido o ponto de honra, há a salientar a sua má forma, pois, com muita falta de treinos, foi inferior às suas possibilidades. Dias, comportou-se de maneira agradável. Reis, esteve também inferior.

Farense, 5—«Os Olhanenses», 2

O Farense alinhou com os mesmos elementos. Nos visitantes, Reis foi substituído por Olímpio.

Como era de esperar, dado o desnível de valores existente nos dois conjuntos, o Farense saiu airoso da contenda, não tendo sido no entanto a vantagem tão elevada como em Olhão.

Salientaram-se Carlos Madeira e José Agostinho, este um pouco melhorado.

ACTUALIDADES DESPORTIVAS

«O Olhanense só voltará ao convívio dos grandes quando tiver uma equipa — como já teve — que vença os adversários, árbitros e tudo, como noutros tempos sucedeu»

palavras do sr. António Jacinto Ferreira, vice-presidente do Sporting Clube Olhanense, ao «Jornal do Algarve»

QUANDO um clube é possuidor de um palmarés do da categoria do S. C. Olhanense, o seu dia-a-dia, os seus reveses e vitórias, tanto desportivos como de secretaria, são sentidos, por milhares de simpatisantes. Não foi impunemente que o glorioso Olhanense «pingou miséria» pelos quatro cantinhos de Portugal. O seu nome ainda é recordado com saudade pelos antigos e respeitado pelos novos. Não é um clube qualquer, é, sim, grande em tradições cujo cartel de popularidade não está só circunscrito à terra que lhe dá berço ou à região a que pertence. Assim, pelo facto da sua causa ser de todos e de todos bem conhecida, quisemos trazer ao conhecimento dos nossos leitores, o sentir de um dos seus membros directivos, o sr. António Jacinto Ferreira, pessoa da maior idoneidade, que, com a amabilidade que já es-

perávamos, começou por nos dizer: — Todos nós, olhanenses, em simbiose de ideias e actos, fizemos tudo o que nos foi possível para levar o nosso clube ao lugar a que tem jus.

— Mas, então, quais as causas primordiais que se opuseram aos vossos fins?

— São bem conhecidas de todos aqueles que têm algum interesse pelo Olhanense, embora as saibam superficialmente.

— No seu entender quais as que computa de principais ou a principal?

— A principal é o abandono a que são votados, pelos organismos superiores do futebol, os clubes da província, especialmente os do Algarve, que não têm recebido qualquer amparo moral ou material dessas instâncias, levando-nos a pensar que não lhes interessa ver a nossa província representada no Nacional da I divisão. Talvez seja por estarmos cá muito longe ou por qualquer outro motivo que não posso definir. Em todo o caso, parece inexplicável o ostracismo votado ao Olhanense, que desde sempre, paga, contribui com as taxas que lhe são impostas sem a contrapartida que indubitavelmente seria justa.

Conclui na 4.ª página

ATLETISMO

III Légua Nacional

O Sport Lisboa e Benfica e o nosso prezado colega desportivo «Record» organizam a prova pedestre denominada «III Légua Nacional».

Tal como o ano passado, será disputada a Légua Nacional em provas eliminatórias locais e distritais, respectivamente, nos dias 27 de Abril, e 4 e 11 de Maio, sendo a final nacional disputada em Lisboa, em 1 e 18 de Junho.

Podem concorrer atletas de todo o País com mais de dezoito anos, que nunca tenham participado em provas oficiais.

Os concorrentes só podem representar clubes não filiados nas Associações Regionais de Atletismo, mas devidamente legalizados perante a Direcção Geral dos Desportos, e terão de ser submetidos a prévia inspecção médica.

As provas serão efectuadas segundo o Regulamento Técnico da Federação Portuguesa de Atletismo.

Aos finalistas nacionais serão atribuídos os seguintes prémios: taças aos três primeiros classificados, medalha de prata ao 4.º, medalha de «vermelho» ao 5.º e de bronze ao 6.º. Os restantes doze participantes receberão, também, medalhas.

Nas finais distritais, serão atribuídas medalhas aos três primeiros classificados. Independentemente destes prémios, podem os clubes ou as entidades locais instituir outros, os quais nunca poderão ser em dinheiro.

DINHEIRO

Empresta-se até 50 contos, sob hipoteca.

Resposta ao apartado 33 (iniciais L. P.) — Vila Real de Santo António.

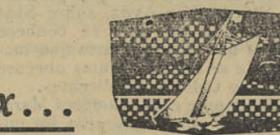
VELA

Dura lex, sed lex...

Com o fim de moralizar os desportos em Portugal, o Governo procurou — e muito bem — regular as actividades desportivas com o decreto-lei 32.946, de 5 de Agosto de 1943, e posteriormente, a Direcção Geral dos Desportos, com a doura e justa interpretação do pensamento moralizador do Governo, lavrou alguns despachos felizes, entre os quais salientamos os de 30 de Dezembro de 1945 e de 26 de Junho de 1946, que, respectivamente, obrigam os dirigentes dos clubes que forem eleitos dirigentes das federações, a pedirem a exoneração dos cargos que nos clubes ocupem, para poderem tomar posse dos cargos de dirigentes federativos, nunca podendo acumular os dois cargos directivos, e esclarece que os dirigentes desportivos não podem ser, simultaneamente, praticantes da modalidade desportiva em causa.

Temos a impressão que a Federação Portuguesa de Vela, ou desconhece estas decisões superiores, ou julga que elas não são aplicáveis à vela, em virtude destes despachos nunca terem sido cumpridos. Existem directores de clubes que acumulam também funções directivas na F. P. V., e cada um continua a «puxar a água ao seu barquinho», o que nós consideramos pouco desportivo.

Existem ainda outros membros que, aproveitando-se do lugar, «apenas se interessam pelas deslocações que porventura possam fazer ao estrangeiro, por meio de louváveis subsídios concedidos pela própria F. P. V., por intermédio do Governo». Cremos que «os seus especialíssimos amigos» também não podem ser esquecidos e, em virtude disso, já se têm ausentado para o estrangeiro «com o rótulo de representantes de Portugal», como já escreveu um próprio membro do Conselho Técnico da F. P. V., no número de Janeiro de 1956 do «Yachting Brasileiro».



Conclui na 4.ª página



BASQUETEBOLO

Campeonato Nacional da II Divisão-Zona Sul B

Série A

Ginásio C. Olhanense, 33
C. F. «Os Bonjoanenses», 42
(ao intervalo 17-18)

GCO: Bruno (3), Graça-Oscar (2), M. Fernandes-Pinto (17), Lázaro (7), Almeida-Gonçalves (4), Franco.

CFB: Cabrita (8), Brito (6), Alcino (2), Ferreira (6), Jesuino (13), Jesus (4), Dias (3), Mendonça.

Árbitro: Marcelino José. Marcador: Joaquim Jacinto dos Santos. Cronometrista: N. N.

Lusitano F. C., 24—S. L. e Faro, 23
(ao intervalo 15-9)

LFC: Jara-Carro (2), Andrade (2), Branco (4), Gavino (12), Pinheiro (2), Leal (2), Belião-Albano.

SLF: Alexandre-Rocha (3), Jorge (9), Carvalhal-Cavaco (2), Xavier-Pinto (9).

Árbitro: Gilberto Martins Ferreira. Marcador: Joaquim Gomes Nêné. Cronometrista: Manuel Martins Afonso.

Série B

S. C. Olhanense, 35
C. D. «Os Olhanenses», 35
(ao intervalo 20-11)

SCO: V. Simões-Cipriano-Amaro (5), Flávio-Martins (4), Pité (10), Costa (3), Brito (13).

CDO: Guedes (2), Hernâni-Ramos-Relvas (1), Simões (4), Serro (5), Serrano (4), Luís do O' (19), L. Branco (2).

Árbitro: Fernando Leitão. Marcador: Jose Rosa Gouveia. Cronometrista: António Pité.

CLASSIFICAÇÕES

Série A

	J	V	E	D	B	P
«Os Bonj.»	3	3	0	0	148-103	9
Lusitano	3	2	0	1	91-91	7
G. C. O.	3	1	0	2	97-115	5
S. L. e Faro	3	0	0	3	97-126	3

Série B

Farense	2	2	0	0	84-57	6
S. C. O.	2	0	1	1	69-75	3
«Os Olhan.»	2	0	1	1	58-81	3

Jogos para amanhã

Série A — C. F. Bonjoanenses-S. Lisboa e Faro (Campo do Bom João, Faro). Ginásio C. Olhanense-Lusitano F. C. (Campo Abílio Gouveia, Olhão).

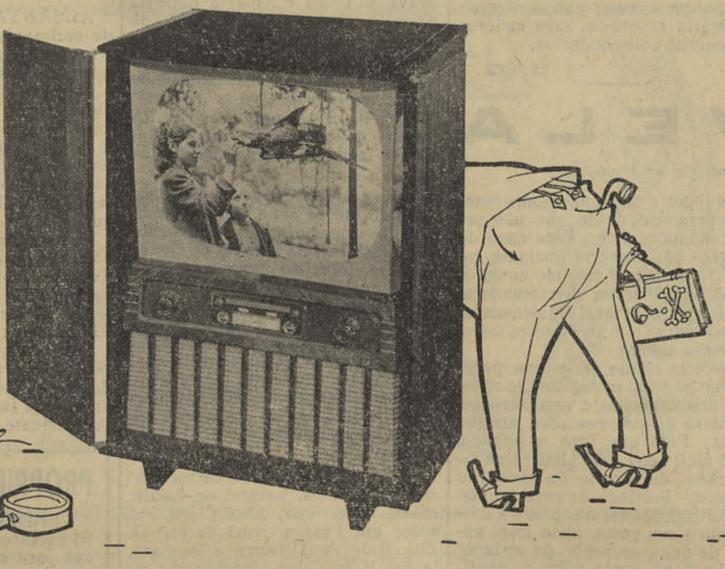
Série B — C. D. «Os Olhanenses»-S. C. Farense (Campo Libertário de Sousa, Olhão).

Campeonato Distrital de Juniores

Encontra-se aberta, na As. de Basquetebol de Faro, em Olhão, a inscrição para o Campeonato Distrital de Juniores, que será dotado com a taça «Eugénio Viegas». O prazo de inscrição termina em 15 do corrente, realizando-se no mesmo dia o sorteio.

Conclui na 4.ª página

Atrás da imagem há mais...



TÉCNICA EXPERIÊNCIA QUALIDADE VALIOSA REDE DE AGENTES EFICÁCIA DE UMA ASSISTÊNCIA PERMANENTE

A PHILIPS dedica-se incansavelmente à Televisão, desde 1937,

o que a elevou ao primeiro plano mundial de T. V.

Quando se decidir a adquirir um tele-receptor, a marca Philips deve merecer a sua confiança.



PHILIPS
Televisão

Vem aí o Verão e as MOSCAS

Além de sujarem os vossos móveis, paredes, etc., são bastante prejudiciais à saúde.

Evite-as em sua casa pondo nas suas portas o Reposteiro de Luxo

OVALUMÍNIO

resistente, inoxidável e o mais barato

Consulte o representante mais próximo ou escreva para

C. S. CARVALHO
VILARINHOS-S. Brás de Alportel

Em Olhão, Faro, Loulé e arredores entregas ao domicílio. Aceitam-se representações para todo o País excepto para o Algarve.

Aos fracos e aos convalescentes

O superalimento natural, Geleia Real de Abelhas, pura estabilizada,



que contém as vitaminas C, B₁, B₂, PP, B₆, H, ácido pantoténico, inositol e outros factores em fracção indeterminada, que lhe conferem as mais notáveis propriedades, está ao vosso alcance para vos proporcionar:

- UMA RÁPIDA RECUPERAÇÃO DE FORÇAS
- UM RÁPIDO RETORNO DO APETITE
- UMA BOA DISPOSIÇÃO PARA O TRABALHO
- UM BOM EQUILÍBRIO ORGÂNICO ALEGRIA DE VIVER

Pedidos de Literaturas aos Representantes exclusivos para Portugal Continental, Insular e Ultramarino

FERNANDO DE OLIVEIRA & C.ª
Calçada do Sacramento, 28-2.º — LISBOA

A sonda SIMRAD-Mestre

de visão panorâmica

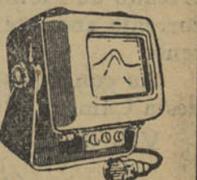
A MAIS PRÁTICA E MAIS ECONÓMICA

COMPLETAMENTE ESTANQUE

ASSISTÊNCIA TÉCNICA GARANTIDA

SOCIEDADE OCEÂNICA DO SUL, S. A. R. L.

— AGENTES EM TODO O ALGARVE —



O ALGARVE NA OBRA DE TEIXEIRA GOMES

Conclusão do 1.ª página

zeas da Torre, os salgados dos Montes, as «linhas vergilianas da barra de Alvor, as terras do Diáxere, de uma larguíssima ondulação melancólica», a surpresa, «sempre alacre» da baía de Lagos, a «curva puríssima do areal da Meia Praia, as várzeas de esmeralda do Paúl».

Mais adiante, há um capítulo dedicado a João Lúcio, depois um leve apontamento sobre as mulheres algarvias vestidas de bioco.

Em certa altura, avoluma-se-lhe o receio de ficar anos seguidos no «tórrido Algarve», impedido de viajar, mas logo fala da sua «reconciliação» com a província, passando a enaltecer os «pomposos encarecimentos das ruínas de Milreu, de Estoi «arejada e alacre», do palácio Carvalhal, de S. Brás — «pedreira brotando água», do «casario» de Olhão e do «areal doirado da Ilha» — composições em cuja execução julga haver-se ultrapassado a si mesmo.

Surgem, em seguida, os temas «Album», «Simples e Romanesca» e «Sede de Sangue», trabalhos onde é permanente a presença do Algarve.

Nas «Cartas a Columbo» diz: — «O mar que eu procuro, e pelo qual anseio, não existe em parte alguma. Ele formou-se-me na imaginação, à semelhança do mar do Algarve, que na realidade já não tinha par, e transformado pela saúde e pela fantasia, em anos e anos de ausência, não sofre comparação com essas grandes poças de águas conspurcadas, que babujam na areia negra, e a que por toda a parte se dá o nome de mar».

Neste mesmo hino mostra-se orgulhoso de ter nascido no Algarve, onde aprendeu a apreciar «os embevecimentos da sensualidade e da poesia árabe».

Nos «Regressos» exalta os «pequenos promontórios gregos» da costa algarvia; a Ponta do Altar e a Ponta da Piedade.

Um capítulo que se chama «No Algarve», inclui descrições empolgantes do Cabo de S. Vicente, de Sagres, de um passeio numa típica «carrinha desmantelada» (o seu inseparável meio de transporte na província algarvia) a Vale de Parra, cujos panoramas considera superiores à «Capelletta dell'Addolorata», no Cabo Noli.

A seguir vem esta nota sobre a sua terra-mãe: «Portimão onde eu nasci (vai já em três quartos de século), não se vê do mar: fica recolhida na badia do rio Arade, encostada quase às faldas da serra que lhe serve de fundo, e tendo fronteira uma pitoresca aldeia em forma de pirâmide, que se chama Ferragudo».

«Estou convencido (não cesso de o repetir) de que nesse trecho da costa algarvia (entre a Ponta do Altar e a Ponta da Piedade, que contém Lagos, Alvor e Portimão) se realizou a concepção literária e pictórica da «paisagem grega», que mal se esboça aqui e ali, nalgumas ilhas do Arquipélago, nos arredores de Nápoles, na Sicília e na Argélia».

Os «Regressos» — diz ele — não podiam deixar de incluir «algumas páginas consagradas à minha terra natal». E elas sucedem-se: a extraordinariedade do pôr do sol, em Janeiro, parecendo arrastar-se por cima da ponte; a atmosfera «etereamente pura» da Praia da Rocha, cuja luz de ouro, viva e incandescente, embriaga, até à loucura poética, a sua sensibilidade; a serra, ao fundo, de «inverosímeis tons aveludados»; as primeiras flores de amendoeira na «Quinta do Bispo», purpurejando «entre as musgosas, vetustas e tristonhas oliveiras».

Das amendoeiras, escreve aqui: «Esta súbita eflorescência, dum dia para o outro, dum árvore imensa, inteiramente despida de folhas, no fundo de tenebrosas ravinas, ou na encosta pedregosa e estéril das charnecas tal como sucede às amendoeiras, é, de certo, uma das grandes maravilhas da Natureza. E de que modo florescem! Em cerrados cachos, em festões e grinaldas, em céus fechados de tendas rescedentes... Sem dúvida a Natureza não tem manifestação mais estranha e fantástica da sua arte de mutações, e isso quando tudo em volta é desolação e abandono, mesmo no regalado coração do inverno».

«As amendoeiras de punicea florescência, crescem, avultam, como prodigiosa vegetação de coral no fundo dum aquário».

Outra vez a Rocha, a Ponta do Altar, «rocha de legenda, de iluminação heráldica, de braço, toda em ouro puro»; a «ampliação fabulosa», da serra de Monchique, a Ponta de João de Ourém, a ribeira de Bóina, um dia de anos na Casa do Vau, o rio Arade com o qual todos os dias dialogava da sua varanda; e cenário de Alvor, cuja recordação lhe arranca esta extensa confidência: «Há uma tão penetrante beleza nesta luz, neste mar, nesta paisagem, que os meus nervos vibram de felicidade, na consciência de viver, do gozo que a vida causa, e tão funda é a sensação que experimento que os olhos marejam-se-me de lágrimas».

Ainda nos «Regressos» encontramos uma visão de Lagos durante um período de manobras de uma esquadra inglesa, e a narração de um passeio à Ponta da Piedade.

Nas «Novelas Eróticas» insere uma composição intitulada «O sítio da mulher morta», que alguns autores consideram o seu melhor trabalho do género novelístico, e cuja acção decorre nos Pegos Verdes.

«A Miscelânea» oferece-nos algumas notas acerca de Portimão: Na «Maria Adelaide», cuja acção passa, quase inteiramente no Algarve, escreve:

«Eu penso com admiração nesses homens que encontrando-se em terras civilizadas... não esquecem o buraco onde nasceram»...

No «Carnaval Literário» acompanha-nos até à feira de Portimão, leva-nos aos grêmios recreativos da província, fala-nos do mar, sempre do mar, e evoca episódios da infância.

A «Ana Rosa» é a reconstituição de um tema da sua mocidade.

Em «Londres Maravilhosa» — que, na opinião de João de Barros, é «o extraordinário poema em prosa da literatura portuguesa» — no melhor em que está a falar da indigência na capital britânica, tem esta mudança repentina: «Na minha terra, que não é nenhuma Londres, nem muito menos»... e continua a falar de Vila Nova de Portimão, por si elevada a cidade quando foi Presidente da República.

Até num discurso que proferiu em Stratford-on-Avon, sobre Shakespeare, e do qual se conhece apenas um excerto, arrançou maneira de se referir a «uma obscura aldeia do Cabo de S. Vicente».

Juntamente com «Londres Maravilhosa» e aquele discurso, foi publicada «Uma carta a Castelo Branco Chaves» acerca da génese de um romance, escrita aos 78 anos, quase cego, portanto ao encerrar o ciclo dos trabalhos literários, na qual se refere, ainda a projectos sobre temas algarvios, que a morte não deixou concretizar.

Com base nesta enunciação de temas, inventário de fragmentos literários, mostruário resumido de jóias cujo brilho não resplandeceu completamente, entre outras razões por exiguidade de espaço, podemos concluir, sem receio de desmentido, que Teixeira Gomes é o mais algarvio de todos os escritores.

Nenhuma terra — acentua Norberto Lopes — lhe pareceu mais digna de admiração do que a sua, nenhuma lhe inspirou páginas mais sentidas e mais belas.

No Algarve foram concebidas e realizadas, ou simplesmente concebidas, muitas das suas obras; e ali pôs ele a desfilar grande número dos seus personagens.

O Algarve tem nele o melhor intérprete do sol e do mar, da serra e da charneca, do folclore e dos monumentos naturais; deve-lhe apontamentos incomparáveis sobre os montes de porta e janela, as paredes de reboco, os figos lampos, as copejadas de atum, as sardinhas assadas comidas na ponta da unha.

Nove vezes o surpreendemos a descrever o mar algarvio, o maior amor da sua vida; três a pintar o nascer do sol e o seu ocaso, sempre na sua província.

O Algarve é uma presença constante no pensamento, no coração e na obra de Teixeira Gomes: nos sonhos, nas conversas, nas realizações e nos projectos, perto ou longe, acompanha-o sempre, «como a sua própria sombra», a paisagem algarvia, em cuja contemplação ou recreação se deleita e inebria, e em cujas esculturas se ultrapassa a si mesmo como escritor.

J. Mimoso Barreto

— BARDAHL —

Adega Cooperativa de Tavira

(Alvará de 19 de Maio de 1954)

VINHOS TINTOS, DE MESA

VINHOS LICOROSOS

Marca Registada — TAVIRA

Inconfundíveis para os apreciadores de requintado gosto

DESPORTOS

«O Olhanense só voltará ao convívio dos grandes quando tiver uma equipa que possa lutar contra todos»

Conclusão da 3.ª página

— Então o seu clube não tem recebido qualquer subsídio?

— Embora lamentável, é essa a verdade. Nem mesmo para os arranjos do campo de jogos. Quando pedimos, a verba está sempre esgotada!!!

— Haverá má vontade contra o Olhanense?

— Por princípio nenhum devemos supor isso; seria uma injustiça. Esqueceram-nos, não restam dívidas. Para tudo é preciso sorte, e nós se alguma vez a tivemos, agora a perdemos.

— Pelo que nos diz, considera que houve azar na paragem quase brusca da carreira do Olhanense?

— Sim, e foi esse azar que destina para os nossos jogos os árbitros mais extravagantes, particularmente os últimos: em Olhão, com o Arroios, o que nos deu a expulsão de um dos nossos melhores jogadores e a interdição do campo. Em Lisboa, no último jogo com o Atlético, foi expulso o nosso guarda-redes, ao que parece sem motivo justificado e com a agravante do árbitro nos ter roubado o jogo. Assim se conclui pela crítica de toda a imprensa desportiva, em especial pelo «O Século» e a «A Bola» de 24 de Março que são bem claros nas suas crónicas a respeito do jogo. Entre outros pontos que realçam distintamente a prejudicial actuação do árbitro sobre o Olhanense, focamos o seguinte: «Perdeu por vários motivos — o mais importante dos quais consistiu no desacerto da arbitragem... acabou por influir no resultado» — «Não descortinámos motivo para a anulação do gol (do Olhanense) e como nós muito boa gente» — «Todavia, cremos que em ninguém ficaram dúvidas acerca da deslocação de Martinho, na jogada do segundo gol, tão flagrante ela foi, ou por outra, apenas não a viram o árbitro e seu auxiliar do lado do peão. Claro que esta série de desacertos resultou em nítido prejuízo do Olhanense, enervou os seus jogadores, e a agressão de Abade a Martinho não foi mais do que uma consequência disso». Mais adiante: «O Olhanense tem razões de sobra para não se conformar com o resultado. Pelos vistos, continua em maré de pouca sorte.» (?)

— Mas, nesse caso, porque não protestaram o jogo?

— (Com um sorriso significativo) Protestar? Para quê? Nada ganhávamos com isso. Não queria que a direcção do Olhanense fosse contribuir para a extinção de mais artigos dos regulamentos da Federação, pois o celeberrimo 26.º já foi ao ar por ser aquele que ainda nos poderia valer. Não tinha dúvidas: os clubes da província, como o Olhanense, não têm razão de existir porque são «perigosos». A propósito, recordo um artigo do vosso jornal de 29 de Março, no qual o articulista diz: «Nas antigas civilizações eram severamente castigados todos aqueles que desafiavam o furor dos deuses. Agora, que estamos na era do Atlético, desenrola-se o mesmo quadro. Constitua «crime de alta traição» o facto de os algarvios de Olhão não perderem obrigatoriamente o jogo de Lisboa. Como tal, o sr. Fernando Valério executou a bom contento a sua missão».

Depois de tudo isto, ainda seria preciso protestar o jogo junto da Federação? Ela não sabe o que se passou? Sabe, sim, senhor, mas convém fingir que não sabe.

— Nesse caso, considera tudo perdido?

— Oh sim, sem qualquer esperança de salvação, porque o golpe foi mortal.

— Dessa maneira, é toda uma época de trabalho que se perde!

— Sim, todo o trabalho, todos os sacrifícios da direcção, massa associativa, técnicos e atletas, dum forma geral, de uma população de 20.000 habitantes, se vê desaparecer com duas simples penadas, anulando todo o seu entusiasmo na procura dum oportunidade soberana de ver o seu clube guindado à divisão superior... Porque, não tenha dúvidas, o Olhanense desta vez iria lá, e muita gente sabe que isso sucederia.

— Como pensa a direcção a que pertence, quanto ao futuro?

— Tínhamos confiança na realização de grandes projectos para o futuro do Olhanense, levá-lo e mantê-lo na posição que merece, mas presentemente está tudo de moral abatida e é provável que os mais entusiastas — e neste caso são todos — peçam a sua demissão, pois trata-se de gente de responsabilidade e presfígio moral, alguns de cabelos brancos e com vergonha, que preferem desistir a verem-se vexados por árbitros que, apesar de reconhecida e incompetentes, continuam a ser os juizes supremos nos campos de jogos.

— Perdida esta oportunidade, não teremos então outra para ver o Olhanense na I divisão? Perguntámos a finalizar a nossa entrevista.

— Não é tanto assim, mas o certo é que o Olhanense só voltará ao convívio dos grandes quando tiver uma equipa — como já teve — que vença os adversários, árbitros e tudo, como noutros tempos sucedeu. Sim, porque o caso não é virgem. A história repete-se, com maiores ou menores consequências.

VELA

Conclusão do 3.ª página

tar os jogos a quem não tenha categoria para isso, desde que não pese economicamente. Este caso do «dragão» não merecia qualquer referência se se tem passado como os outros semelhantes, discretamente. O que o torna notável é, justamente, a importância que se lhe deu, como se tivesse alguma.

Vive esta classe de barcos, parece, num particular regime de vida, com júris especiais e remunerados, às ordens dos interessados, ao que se diz. Pelo que veio a público, não é fácil fazer uma ideia clara do resultado da prova de selecção olímpica. Partindo do princípio de que foi o ganhante que pediu a deslocação à sua custa, nada mais natural de que o empenho de se fazer ao mar e ao vento numa competição olímpica. Apenas se torna reparado o ar que se quis dar ao facto, como se se tratasse de uma representação em forma, isto é, imposta pelo valor técnico.

Claro que ter ficado nos dois ou três primeiros, a partir do fim, não tem a menor importância.

Por falta de critério para se encararem estas coisas se fizeram as mais injustas apreciações à classificação dos atletas de Helsínquia, quando os mais agravados fizeram muito melhor do que o nosso «dragão» de Melbourne. («Diário Popular», de 17-12-1956).

Segundo nos parece e ao contrário do que foi afirmado na Imprensa e diz o sr. eng. Nobre Guedes no artigo que citámos, os velejadores portugueses não foram a Melbourne inteiramente à sua custa, pois no relatório de contas da F. P. V. aparece uma verba gasta com os nossos representantes, que monta a 88.762\$80 e o débito de 48.762\$80 ao leme do «dragão», por abonos feitos com a referida deslocação.

Em virtude de desconhecermos duplicidade de critérios na Direcção Geral dos Desportos e como, felizmente, a valiosa acção do seu director tem sido sempre justa, moralizadora e oportuna, mi respectivamente, chamamos por isso a sua atenção para os factos citados.

Mário Morgado

3 produtos especiais para a comodidade de quem usa

Dentes Postiços
Compre hoje mesmo em qualquer Farmácia ou Drograria:
POLIGRIP CREME ou
PÓS DR WERNET, dois fixadores admiráveis e sem similares.
Use também
POLIDENT — Para a limpeza diária da sua dentadura.

CASA

Compra-se até 45/50 contos bem situada. Não importa que esteja alugada. Carta com detalhes ao apartado 35 (iniciais L. P.) Vila Real de Santo António.

MOTOR LATPHOP

50 HP
EM ESTADO NOVO
VENDE-SE
TRATAR COM
Joaquim Marques
FUSETA

NECROLOGIA

Bartolomeu José Pereira
Faleceu em Mértola o sr. Bartolomeu José Pereira, de 75 anos, proprietário, casado com a sr.ª D. Maria de Jesus Palma Pereira, pai do sr. Bartolomeu José Pereira Júnior, subdelegado do Procurador da República naquela comarca; da sr.ª D. Maria Palma Pereira Reicadas, casada com o sr. eng. Manuel de Oliveira Reicadas, irmão do sr. Jacinto José Pereira, farmacêutico e das sr.ªs D. Maria Amélia Pereira Vargas, residente em Vila Real de Santo António e D. Maria Augusta Pereira Martins, esposa de sr. coronel Alberto Monteiro, residente em Lisboa e tio do sr. dr. Manuel Fernandes Vargas, antigo presidente da Câmara Municipal de Vila Real de Santo António.

Também faleceram:
Em LAGOS — a sr.ª D. Isabel Bravo da Costa, de 86 anos, mãe dos srs. brigadeiro Plácido Baptista Bravo da Costa e Alberto Baptista Bravo da Costa, chefe da secção de finanças de Odemira.

Em LISBOA — o sr. Bernardo dos Santos, de 77 anos, natural de Portimão, industrial, pai das sr.ªs D. Rogélia dos Santos Bandeira, D. Aurora dos Santos Afonso, D. Maria da Luz dos Santos Silva e D. Ana dos Santos.

— o sr. Manuel Silvério de Sousa Eusébio, de 44 anos, natural de S. Brás de Alportel, industrial, sócio-gérente da firma Manuel de Sousa Eusébio, Lda., do Barreiro, pai do sr. Manuel Kelecom de Sousa Eusébio e da sr.ª D. Irene Kelecom de Sousa Eusébio, e irmão da sr.ª D. Albertina Eusébio Sancho, casada com o sr. dr. Júlio Sancho, nosso assinante em Faro. O funeral, realizou-se na quinta-feira, da igreja de S. Sebastião da Pedreira para jazigo no cemitério de S. Brás de Alportel.

— a sr.ª D. Gertrudes Gema Claro, de 71 anos, natural de Loulé, casada com o sr. Abel Claro, ausente em França, irmã da sr.ª D. Zita Reis de Oliveira e dos srs. Isidro Reis Gema, funcionário da Câmara Municipal de Lisboa e José Reis Gema, comerciante em Loulé e cunhada do nosso colega na Imprensa sr. Mário de Oliveira.

— a sr.ª D. Adalina Rosa Mendes, de 84 anos, natural de Faro, viúva, mãe da sr.ª D. Zulmira Reis Branco e sogra do sr. Cândido Portas Branco.

— o sr. José Lourenço Carrajola, de 71 anos, marítimo, natural de

Liceu de Portimão

ENTRE os dezasseis novos liceus que vão ser construídos, no prazo de oito anos, pelos Ministérios das Obras Públicas e Educação, figura o liceu de Portimão.

Apraz-nos inserir esta nova e será ainda com maior regozijo que noticiáremos o começo da importante obra de que a cidade sotaventina tanto carece.

VENDE-SE

CASA com 6 divisões e quintal na Rua S. João de Brito, n.º 100, de Vila Real de Santo António. Trata-se na Rua Cândido dos Reis, n.º 43.

HÁ 25 ANOS

foi criada a freguesia
de Armação de Pera

ALGOZ — Foi na tarde de 10 de Abril de 1933, tarde de sol acariçador, que um telegrama nos deu a conhecer que o Governo, pelo decreto n.º 22490, criara a freguesia de Armação de Pera. Foi um momento de grande entusiasmo, pois reconhecia-se o fundamento da nossa aspiração justíssima, o valor do aglomerado populacional, a importância industrial e comercial da localidade e o seu interesse turístico.

Ao recordar esta data não podemos deixar de prestar homenagem à memória dos que lutaram pela autonomia administrativa de Armação de Pera e de saudar os que ainda estão vivos e continuam a pugnar pela linda terra.

Procissão dos Passos — Com grande acompanhamento de fiéis, realizou-se a procissão dos Passos, que percorreu o itinerário costumado, abrilhando-a a Filarmónica Silyense. Os sermões foram proferidos pelo rev. Pardal.

Tempo — Também por aqui se tem feito sentir o temporal, acompanhado de abundantes chuvas que muito têm beneficiado as sementeiras, as quais se apresentam com aspecto promissor. — C.

Vendem-se

2 barracas que estão situadas na Praia de Sto. António.
Trata Carlos Augusto de Magalhães, Vila Real de Santo António.

NOVO SINO

na torre da igreja
DE ALCANTARILHA

ALCANTARILHA — Com grande cerimonia foi aqui inaugurado o novo sino do relógio, na torre da igreja paroquial.

O antigo sino já se encontrava, há alguns anos, em precárias condições de segurança e aspecto. Mas o rev. Montes, na sua incansável actividade em prol da freguesia, remeteu-o para o Porto, onde foi fundido e utilizado na confecção do actual.

Foram padrinhos do novo sino os srs. Joaquim Eduardo Nunes e Torcato Duarte Oliveira com suas esposas, sr.ªs D. Maria Inácia Mendonça Nunes e D. Maria Isabel Pinto Águas Oliveira.

Pena é que não seja também possível para breve a substituição do velho relógio, com mais de cem anos, cujo funcionamento é bastante deficiente. — C.

PROPRIEDADE RÚSTICA

VENDE-SE: Com cerca de 25 hectares. Compõe-se de casas para caseiro, ramadas amplas, alpendre, poçilgas e galinheiros, pomares de citrinos, bom ramo de oliveiras, alfarrobeiras, figueiras e amendoeiras. Para informações: Rua Jacques Pessoa, n.º 16 — Tavira.

Alvor, Portimão, casado com a sr.ª D. Maria Hermínia Jesus Carrajola. As famílias enlutadas apresentam *Jornal do Algarve* sentidos pésames.

Câmara Municipal de Vila Real de Santo António

Casino de Monte Gordo

Aceitam-se propostas para a exploração do Casino Oceano de Monte Gordo, durante a época balnear do corrente ano, até às 17 horas do dia 30 de Abril corrente.

As condições encontram-se patentes na Secretaria desta Câmara Municipal.

Vila Real de Santo António, 9 de Abril de 1958.

O Presidente da Câmara,
Matias Sanches

Cine-Foz

DOMINGO — em cinematópio... *E o Sol também brilha*, com Errol Fynn, Ava Gardner e Tyrone Power. (Para 17 anos).
TERÇA-FEIRA — o sensacional e admirável filme russo *Othello*. (Para 17 anos).
QUINTA-FEIRA — um grandioso romance sentimental *A desconhecida*, com Lea Padovani e Amadeo Nazzari. (Para 12 anos).

OLIVEIRA, SIMÕES, L. DA

ARMAZÉM DE CABOS E APRESTOS MARÍTIMOS

Em armazém para entrega imediata:

Cabos de aço	Ferros e Âncoras
Correntes de ferro	Cabos de Sisal, Linho,
Alcatrão (Sueco)	Cairo, Algodão e outros
Grampos	Breu
Manilhas	Coaltar
Sapatilhos	Esticadores

Bóias de plástico «CADORITE» para redes de pesca

ARMAZÉM DE REVENDA:
Av. 24 de Julho, 3-B a 3-E — Telex. 671231-660323 — LISBOA

O I CENTENÁRIO da Sociedade Recreativa Olhanense

Conclusão da 1.ª página

ser uma sociedade recreativa e educativa moderna», fazendo o elogio do conferente.

Arnaldo Martins de Brito começou por dirigir saudações aos mais antigos sócios da colectividade, saudando no sr. João de Jesus Ventura os valorosos olhanenses que nos últimos cem anos contribuíram para o engrandecimento da Vila Cubista. Na qualidade de vice-presidente da Câmara de Comércio Argentina, saudou os algarvios e em especial os olhanenses, que têm dado o seu contributo à grande nação sul-americana, tendo referências especiais para Cândido Ventura, um dos pioneiros da indústria de conservas de peixe na Argentina e a quem se ficou devendo a glória do Sporting Clube Olhanense ter ascendido ao mais alto posto do futebol português. No sr. Joaquim António Pacheco Júnior saudou os comerciantes e industriais que têm contribuído para o progresso de Olhão, apontando os nomes de Joaquim António Pacheco (pai) e do falecido Augusto Martins de Brito, seu pai, que bastante trabalharam para o desenvolvimento económico da vila de Olhão. Depois de cumprimentar o sr. José Gaspar prestou homenagem à memória do dr. Carlos Fuzeta, caudilho de talento e cuja obra farsse mereceria apreciação num livro que sobre Direito Marítimo vai publicar o sr. dr. Vítor Nunes. Na qualidade de membro directivo da Casa do Algarve e por incumbência do respectivo presidente, saudou Olhão de onde partiram os pioneiros da expansão algarvia em Angola, colonizadores de Mossamedes e pátria da regedora Maria da Cruz Rolão, cujo nome foi dado a uma escola de Porto Alexandre. Teve palavras sentidas para os fundadores da Sociedade Recreativa Olhanense e saudou a Imprensa Algarvia nas pessoas de João Trigueiros, dr. Mário Lyster Franco e José Barão, saudando também os representantes da Imprensa diária. Depois Arnaldo Martins de Brito entrou na matéria da sua conferência, explorando o tema com muita inteligência e competência, fornecendo ao numeroso auditório os elementos indispensáveis para que a velha Sociedade se revigore e modernize.

No final foi demoradamente aplaudido. Seguiu-se um programa de variedades em que intervieram, ao piano, a sr.ª D. Maria do Rosário O da Silva e os srs. Rui Nobre e Manuel Casaca e o grupo de amadores de

declamação constituído pelas meninas Maria João da Cruz, Maria Filipa Afonso Pestana, Eugénia Massé Aires de Mendonça, Eduarda Paula Brito, Eduarda Natividade Neto Trigueiros e Maria João de las Casas Marques que recitaram versos de Bernardo Passos, Cândido Guerreiro e João de Deus. Arnaldo Martins de Brito executou algumas peças ao piano e recitou a abertura do «Meu Algarve», de João Lúcio e a «Espada de Mousinho», de D. Mécia Mousinho de Albuquerque. Depois apresentou o seu «Algarve em festa», versos de D. Maria Conceição Ramiro Santos, com música de Arnaldo Martins de Brito.

Findo o recital, seguiu-se um baile que, para arrelia dos desengonçados bailarinos do nosso tempo, abriu com uma quadrilha à francesa, seguida de um «cotillon», abrihantando-o a orquestra Império, da regência de Manuel Casaca, que tendo começado a cultura musical com Arnaldo Martins de Brito, se despediu nessa noite da sua vida artística.

A Arnaldo Martins de Brito foi oferecida uma ceia durante a qual se trocaram brindes.

O Ensino no Algarve

Por conveniência urgente de serviço foram nomeados professores das escolas industriais e comerciais de Faro e Lagos, respectivamente, as sr.ªs dr.ª Maria Amélia Brito Pires (7.º grupo) e D. Arminda Patrocínio Fernandes Borba Martins (5.º grupo).

Foram aprovados os contratos celebrados com os srs. João Silveira Correia Brigida, para mestre da oficina de electricidade da Escola Industrial e Comercial de Silves; Carlos Alberto Arrepia, para professor de educação física da Escola Industrial e Comercial de Lagos e rev. Eudoro dos Santos Vieira, para professor de religião e moral da mesma escola.

DIVERSAS Opiniões de um louletano acerca de Vila Real de Santo António

Continuação da 1.ª página

de Santo António, a Villa de Santo António de Arenilha, criação urbana do velho Sebastião José de Carvalho e Melo, reformador audaz e estadista de eminente colocação entre os vultos da História pátria.

E aqui se viria cumprir a promessa que lhe fizera de escrever para o *Jornal do Algarve*, embora o convite fosse em sentido inverso, isto é, para falar da minha, que não da sua terra.

Mas achei mais interessante falar da sua, agora que aí passei estes dias, porque, de certo modo, me apraz criticar as terras, as pessoas e as coisas com toda a objectividade e acho que, estranho entre os vilarrealenses, melhor e mais independentemente do que qualquer deles posso transmitir ao papel com sinceridade e isenção as impressões vividas e sentidas durante esta permanência entre os seus naturais e adoptivos.

Apesar do vento e frio que achei sempre desenfreados e cortantes, fiquei com a impressão de que Vila Real é uma terra de grande e próspero futuro. Algo de mau terá e para dizer logo do que não gostei, antes de entrar no que me mereceu admiração e louvor, começo por dizer que vocês carecem em especial, de conseguir a reabertura do Hotel.

As pensões servem bem, há onde se coma com boa cozinha — as Caves e o Camião Verde, — mas as instalações são todas muito precárias e em completo desacordo com o ar e sentido de vida moderna que aí se tem.

Os arrendatários, pelo menos aquele da pensão onde estive — a Mateus — esmeraram-se por agradar e procuraram distinguir-nos com pratos especiais e se, neste campo da gastronomia, estivemos bem amparados, outro tanto não podemos dizer da qualidade dos cômodos onde tão incômodamente tínhamos de repousar.

Talvez o mal tenha sido provocado pelo próprio Hotel, absorvendo e atraindo os que, pelas condições de vida, melhor podiam pagar e relegando para as pensões os hóspedes de menos exigências e mais fracos recursos financeiros. Hoje, porém, têm de se sujeitar todos à bitola inferior e daí a estranheza.

Há outra coisa que impressiona: é a falta de novas construções. Parece que a iniciativa particular não se tem apercebido de que Vila Real tem muita falta de casas de habitação, pois possui uma classe média bastante numerosa, capaz de pagar rendas remuneradoras. Não se nota desenvolvimento na construção particular, nem remodelações dignas de relevo.

Talvez encontrem na aplicação das suas poupanças, melhor rentabilidade em títulos de Companhias ou na prática da usura. Qualquer coisa será que se torna mais alicianante que a febre da construção que tem impulsionado tantas localidades, mesmo na nossa Província. E é pena que assim seja, pois Vila Real já podia ter melhores e mais aparatosos prédios.

Mas há qualidades que suplantam estes senões todos e uma delas é o bairrismo e amor à terra dos vilarrealenses, que hoje tem decaído em tantas outras. Talvez um pouco, por influência da vizinhança com «nuestros hermanos» os habitantes de Vila Real são, regra geral, egocêntricos, talvez um tudo nada arrogantes, soberanizando as suas coisas e os seus pontos de vista e quase dogmatizando os seus conceitos.

E estas qualidades, quando aplicadas em bom sentido, chegam a ser virtudes que muito contribuem para a criação de um espírito colectivo, traduzido depois em realizações proveitosas e construtivas.

A limpeza das ruas é notória, a iluminação — sem ser exuberante — é boa, a Avenida à beira-rio será, dentro em pouco, das melho-

res de terras provincianas, os estabelecimentos vão tomando um certo aparato e a vila vai-se libertando assim de certos complexos que estigmatizam os pequenos meios.

Boas instalações industriais no género conserveiro, das quais me encantaram sobretudo as da casa Parodi onde a actividade fabril vai desde o mar onde se recolhe o peixe, até ao vapor que o há-de levar para o País consumidor, incluindo secções de litografia, vazios e caixotaria, as das firmas Cumbreira, Folque, Ramirez e Ritas, para assegurarem a posição de Vila Real de Santo António, como magnífico e importante centro industrial no País.

Como complemento destes valores industriais, Vila Real domina no campo da litografia, possuindo instalações modernas como as da Soliva, ou poderosas organizações que se encontram espalhadas pelo País, como as da firma Ramirez, Perez, Cumbreira & C.ª, que até no País vizinho tem sucursais.

Também ali existem importadores de artigos essenciais, como as alcaparras para as anchovas e, pelo menos, uma serração de madeiras com boa capacidade de laboração, onde se fabricam essas cadeiras que vemos espalhadas por todas as esplanadas de Verão, no Algarve. A construção naval está assumindo notável desenvolvimento e perfeição, denunciando progressos que vão do esteticismo da obra do calafate, à técnica dos processos de congelação e navegação mais adelantados.

O porto de Vila Real, com as obras de que está a beneficiar e as condições naturais de que desfruta, será, dentro de poucos anos, talvez o melhor do Algarve e ali acostam já hoje, navios de grande tonelagem, das boas linhas de navegação internacional.

Todos estes elementos conjugados, permitem admitir a afirmação anterior de que Vila Real é uma terra com vida desafogada, sofrendo, é claro, as típicas crises cíclicas da falta de peixe e das exportações oportunas, mas ressarcindo-se destes inconvenientes em anos de boa produção e fácil colocação.

A sua situação geográfica, como ponto obrigatório de passagem, pa-

COMISSÕES venatórias concelhias

FORAM eleitos representantes dos caçadores nas comissões venatórias concelhias: de Alportel: os srs. António Dias de Sousa Correia, Francisco de Sousa Correia e José de Brito; de Faro: os srs. António Fernandes da Silva Júnior, Joaquim Gaspar Dias Galego e João dos Santos; de Olhão: os srs. Manuel Pereira Leonardo, João Hugo Estrela Pestana e João Gregório de Jesus Alberto; de Silves: os srs. Fausto Ferreira Ramalho, José Viola e Salvador de Sousa Fava; de Tavira: os srs. José Emídio Fernandes Sotero, Joaquim Luís Bernardo e Daniel da Cunha Dias e de Vila do Bispo: os srs. Joaquim Maurício, António Joaquim Velhinho de Melo Correia e Francisco António da Rosa.

Farmácia de Serviço

De hoje até ao próximo sábado, está de serviço a Farmácia Carmo, Rua São João de Brito, telefone 31.

ra o país vizinho, o intercâmbio diário de interesses entre Aiamonte e Vila Real e, no Verão, a preferência pela progressiva praia de Monte Gordo, dão-lhe uns certos ares de cosmopolitismo que muito contribuem para a sua valorização como centro urbano.

A vida cultural dos vilarrealenses é de bom nível, com várias instituições de cultura e recreio, dois semanários com magnífico aspecto gráfico e razoável colaboração, um colégio com bastante frequência e um Cine-Clube que nos dizem ter quase quinhentos associados.

A igreja mantém as suas prerrogativas com alto nível de dignidade e frequência de fieis, gozando de um prestígio que lhe é dado não só pela mística religiosa, mas ainda pelo apuro e inteligência do seu pároco, sempre solícito no seguimento da valorização do templo e na realização de obras de carácter social, como é agora a da construção de casas para pobres.

E aqui tem, amigo José Barão, as apreciações que me proporcionou a sua terra, durante os curtos dias que ali vivi e que me estão a deixar gratas recordações de amizades revividas e de outras acareadas, o que, tudo no fundo, é a essência daquela palavra saudeada.

Março de 1958 Raul Pinto

AO ALGARVE

A Pensão Residencial do Sul

lembra os seus bons quartos com águas correntes

quentes e frias e camas como as dos bons Hotéis

Rossio, 59-2.º e 3.º Esq. LISBOA Telefone 22511

— BARD AHL —

MILHO HÍBRIDO IRPAL

O MILHO DA ABUNDÂNCIA

Além de muitas outras variedades, estão já em armazém para entrega imediata os híbridos que melhores resultados têm dado no Algarve:

206 (branco)

U-32

U-41

Wisconsin 641 AA

(amarelos)



Por alguma razão de peso numerosíssimos lavradores desta Província preferem apenas essas excelentes variedades.

NITRATO DE CAL DA NORUEGA

Poderoso fertilizante com 15,5% de Azoto total (14,75% nítrico e 0,75% amoniacal)

É o adubo de cobertura ideal para rápidos efeitos, com a vantagem de não acidificar as terras.

Com o Nitrato de cal da Noruega não há más colheitas!

Dirigir pedidos e solicitar informações a:

IRPAL - Indústrias Reunidas de Produtos para a Agricultura, S. A. R. L.

Travessa do Almada, 20-2.º - LISBOA - Telefones 31167-31168

Fábrica Mecânica de Cordoaria

CASA FUNDADA EM 1834

JACINTO NICOLA COVACICH

CABOS PARA NAVEGAÇÃO E PESCA EM

MANILA - SISAL - CAIRO

LINHO - ALGODÃO

MALHETAS-FIOS PARA REDES

FIO DE CEIFEIRA-ATADEIRA

Endereço Telegráfico: CORDOARIA

TELEFONE 023034

BARREIRO



Srs. Viticultores!

CONTRA O MÍLDIO e CONTRA O OÍDIO

TRATEM AS SUAS VINHAS COM

HIPER-COBRE

50% de Cobre-Metal

DA ROYAL SALT INDUSTRY

A SULFA-SUPRA

Enxofre molhável — 95% ULTRA FINO COLOIDAL

DA N. V. AAGRUNOL-FABRIER-CHEMISCHE

Dois produtos

SUPERIORES :: PRÁTICOS :: ECONÓMICOS

Óptimas referências de inúmeros agricultores que reputam estes produtos dos melhores que têm aparecido no mercado

PEDIDOS AOS REVENDEDORES LOCAIS:

Em FARO — João Inácio, A. Mateus e Soc. Provinciana dos P. Hortícolas, Lda.

Em OLHÃO — José Fernandes Angelo

Em TAVIRA — José dos Santos Amaro

Em Vila Nova de Cacela — José Henrique Gomes

Em Vila Real de Santo António — Viúva de José Joaquim Capa & Filhos

ÚNICO IMPORTADOR:

ESTABELECIMENTOS DE IMPORTAÇÃO

ERNESTO F. D'OLIVEIRA

S. A. R. L.

PORTO LISBOA

Rua Mouzinho da Silveira, 195-1.º Rua dos Sapateiros, 115-1.º

Telefone 22051 Telefones 22478 e 22484

Vão ser iniciadas as obras de abastecimento de água e saneamento da Fuseta

OLHÃO — Sob a presidência do sr. Lourenço Baptista Lopes de Mendonça, e com a presença da vereação e do delegado do Ministério Público, realizou-se na sala das sessões dos Paços do Concelho, a abertura das propostas do concurso público para adjudicação da empreitada das obras de abastecimento de água e de saneamento da praia da vizinha povoação da Fuseta.

Os concorrentes, em número de seis, apresentaram propostas de 988.559\$00 e 950.856\$40, para a primeira parte, de 1.364.804\$60 e 1.398.808\$70, para a segunda e de 2.487.873\$80 e 2.460.000\$00 para a empreitada global.

Feita a leitura das propostas, a Câmara suspendeu a reunião por quinze minutos para apreciação do assunto, findos os quais deliberou adjudicar, dependente de homologação nos termos legais, as propostas mais baixas, a primeira parte ao sr. eng. António Bento Franco e à Sociedade Técnica de Hidráulica.

Esta adjudicação representa, em relação à base de licitação, uma economia de 210 contos e assim a laboriosa praia da Fuseta, vai finalmente ver realizadas as suas maiores aspirações.

Novo delegado do Ministério Público

Na Secretaria Judicial desta vila e perante várias entidades, foi dada posse pelo presidente da Câmara, sr. Lourenço Mendonça, com funções de juiz substituto, ao novo delegado do Ministério Público, sr. dr. António Joaquim Coelho Ventura, que por promoção foi colocado nesta comarca.

No acto, usaram da palavra o sr. Lourenço Mendonça, para enaltecer as qualidades do empossado, e o sr. dr. Messias Cerca, como representante da Ordem dos Advogados.

Finalmente, o sr. dr. António Joaquim Coelho Ventura, agradeceu, sensibilizado, as palavras que lhe foram dirigidas.

O empossado recebeu depois os cumprimentos dos funcionários dependentes do Ministério da Justiça e das autoridades locais. — C.

ACÇÕES

Da Companhia Barril ou Três Irmãos, vendem-se em conta. Resposta a Maria João Vasconcelos, Rua Rodrigo da Fonseca, 135-3.º, Dto. — Lisboa.

SOCIEDADE OCEANICA DO SUL, S. A. R. L. LISBOA

Motores marítimos: SKANDIA, KAMPER, ATLAS IMPERIAL SIMRAD — Sondas e rádios telefones para a pesca. Máquinas para a indústria de conservas: SUDRY ASSMAN — Aparelhos gravadores de som para ditado. Aparelhos descongeladores e de aquecimento para a indústria e conforto MASSER. Máquinas para café-creme EUREKA. Agentes em todo o Algarve

"MADRUGADA INDECISA"

ROMANCE DE ALBERTO LOPES

ALBERTO Lopes, quando da publicação do seu primeiro romance — «A última estação» — obteve, dos críticos mais consagrados da grande imprensa, palavras que o incitaram a nova caminhada nos domínios da ficção. A «Madrugada indecisa», editada recentemente, surge-nos como reflexo desse primeiro impulso, desse incitamento inicial que o autor, decerto, bem mereceu. Por tudo isto a nossa missão está facilitada. Depois de João Pedro de Andrade, Guedes de Amorim e Artur Portela terem dito de sua justiça, não seria admissível, nem lógico, nem justo, que fôssemos nós, sócios nos segredos do romance, a destoar duma opinião que se gerou unânime. Em vez duma crítica, nós



Alberto Lopes

iremos dar apenas umas ligeiras impressões de leitura e, quando muito, acrescentar alguns considerandos que estão sempre presentes em nós quando o tempo nos permite a leitura dum romance — género de literatura que reputamos difícil de realizar.

O romance, quando não degenera em folhetim ou quando não se confunde com o conto, exige da parte de quem o concebe tão vastas aptidões, que quase o poderemos considerar uma arte insusceptível de aperfeiçoamento pela aprendizagem. Nasce-se romancista, eis tudo. Aparte a aptidão literária, a facilidade de narrar, o condão de prender o interesse do público através dum enredo, que conta como meio e nunca como fim, o romance exige um objectivo bem demarcado, uma lógica de que depende a verosimilhança, um excepcional poder de observação, um sentido crítico apurado e um critério de moral de que dependerá o carácter

reformador da obra, e o seu utilitarismo perante a sociedade.

O romance é ficção sem deixar de ser documentário humano; realidade vivida nos seus pequenos pormenores, isto é, na paisagística, no folclore, nos usos e costumes, na linguagem, etc. A obra de arte está na harmonia de tudo isto e no valor da conclusão tirada ao virar a última página da leitura. Por outro lado, ficção não significa irrealidade, mas sim criação verosímil. O romancista, quase sempre, necessita de criar algo, e isto porque o caso arrancado à vida tal qual, raro proporcionará assunto que sirva ao objectivo a alcançar. O caso sugere um caminho. Simplesmente há que adaptá-lo a um fim em vista, sem descair com ele no absurdo. O romance que não é verosímil não é romance. E note-se: verosímil na naturalidade do entrecho; verosímil nos pormenores; verosímil no conflito entre as personagens, verosímil em tudo.

Isto, claro, não vem a propósito do livro de Alberto Lopes, mas serve para advertir o leitor menos avisado acerca das características que conferem categoria a um romance e o impõem ou não como obra de arte; serve, enfim, para lhe lembrar que nem todas as leituras massudas são ruins, da mesma forma que nem todas as leituras atraentes são boas. Este é o caso que surge, frequente, em certas colecções de capas coloridas que o povo devora e as editoriais exploram. E para considerações basta.

O romancista Alberto Lopes, que só agora conhecemos, dá-nos exuberantes provas dos seus talentos de narrador na sua «Madrugada indecisa». O estilo não se perde em formas caprichosas, tendentes a prejudicá-lo. É natural e fácil, objectivo e claro. Daí, os vários episódios, mesmo aqueles que não importam à temática do romance (como o caso do suicídio do ferrador) ou que pouco adiantam ao conhecimento dos personagens, impõem a sua presença pela graça, pela leza da narrativa. Sabendo-se possuído desse condão, Alberto Lopes não hesitou em alterar a cronologia do seu enredo e em cortar a sequência deste, com episódios de menor interesse. Esta circunstância, de técnica revolucionária, em vez de causar monotonia e confusão, parece-nos antes uma circunstância feliz pela originalidade que confere à obra. Esta divide-se em três partes, bem articuladas mas distintas:

A primeira e a terceira partes decorrem na actualidade do romance. O autor aqui domina a intriga com facilidade, nuns casos pondo os personagens directamente a falar; noutros casos resumindo os diálogos, dando-os por palavras suas, como fazendo uma reportagem.

Na segunda parte o autor limita-se a «transcrever» uma tentativa literária de Mauricio (uma das figuras centrais do romance) que serve de acrescento retrospectivo ao enredo.

Este processo de andar para trás através duma narrativa de «prosa alheia» documenta outra originalidade não isenta de perigos, embora de grande alcance no romance psicológico. A execução do processo afigura-se-nos difícil. Difícil na medida em que, logicamente, obriga à variante do estilo. Alberto Lopes é um romancista que se impõe, enquanto que Mauricio é um dilettante nas letras. Tratando-se de «transcrever», o estilo não pode ser o próprio do escritor, mas o que pertence ao personagem que se pretende conhecer, com todos os seus vícios e hesitações.

É sempre difícil «transcrever» prosa alheia em ficção. Num momento, o carácter do personagem laboriosamente imposto, ao longo de dezenas de páginas, pode ser atraído. E tudo isto porque a prosa reflecte sempre a sensibilidade e a cultura de quem escreve.

Por isso, julgo ver nesta segunda parte de «Madrugada indecisa» um óptimo motivo para a curiosidade do meu leitor.

Resta-nos falar do enredo da obra. É simples de relatar, e difícil, muito difícil, de defender como tema; Mauricio e Manuela, primos direitos, passam a infância juntos, envolvidos nos bons costumes duma aldeia do Douro. Ainda muito novos,

OUTRORA PROGRESSIVA

Mexilhoeira da Carregação é hoje uma terra decadente

Conclusão da 1.ª página

D. João II, em carta de 23 de Janeiro de 1495, foram seus primeiros habitantes doze humildes pescadores. No entanto, pela sua excelente situação geográfica, tornou-se, passados anos, no maior centro de comércio e exportação de frutos de todo o barlavento algarvio. Contribuiu para este progresso a ilustre família Júdice, que, vinda da Itália, aqui estabeleceu o seu solar, em princípios do século XVIII.

Era na Mexilhoeira que se combinavam os preços das colheitas e no seu pequeno porto se carregavam os produtos da região, para os mercados internos e externos. Razoável por que ao seu primitivo nome se juntou mais tarde o de Carregação.

Com a construção da ponte sobre o Arade, em Portimão, perdeu esta simpática aldeia muito do seu valor, pois as comunicações para aquela cidade tornaram-se fáceis e os carregamentos dos frutos da região passaram a ser feitos no cais da vizinha cidade. Muitos habitantes da Mexilhoeira transferiram-se para a progressiva Vila Nova e por isso a povoação decaiu muito.

Gracias porém à iniciativa da família Júdice, a Mexilhoeira da Carregação sofre novo impulso. Os irmãos Patrício Eugénio Júdice e Pedro Augusto Júdice constroem a primeira fábrica de conservas da região (a velha fábrica «Nossa Senhora da Conceição», dos subúrbios de Ferragudo) e ainda uma importante fábrica de cortiça, no local onde mais tarde o nosso bom amigo, sr. António Júdice de Magalhães Barros construiu a sua fábrica «Santo António», pertença hoje da firma Feu Hermanos.

Outras fábricas começam a aparecer e a Mexilhoeira vê assim o seu valor e a sua fama ressurgirem. Nada menos de onze fábricas se constroem na sua área e a sua terra torna-se outra vez viva e buliçosa. Dessas fábricas restam apenas quatro. Todas as outras desapareceram ou mudaram-se para outros locais das redondezas, pois os poderes públicos têm desprezado ou ignorado as aspirações da terra e da sua importante indústria. Sem água, sem esgotos, sem casas para operários e ainda sem cais acostável, a indústria morreu. A água, transportada desde Estômar em pipas de madeira, custa 24\$00 por metro cúbico. Sem higiene, por falta de esgotos, e dificultada a descarga de peixe, por falta do cais acostável, apenas as quatro fábricas rente ao rio puderam resistir.

Baldadamente a Junta de Freguesia tem pedido bairros para os nossos operários e pescadores, mas estes bairros só são realidade nas terras grandes, para onde depois foge a população rural e operária. O pequeno cais não satisfaz as necessidades da indústria e das seis traineiras da terra, e todos os es-

forços para um pequeno aumento do cais e construção de uma escadaria em cimento até à baixa-mar, têm sido inúteis. O desalento é visível em toda esta gente humilde e trabalhadora... A água em vez de ser canalizada para esta região, industrial por excelência, é levada para a sede do concelho, e assim a vida industrial e progressiva morre. Urge, pois, que se constroam bairros para os nossos operários e pescadores (e já o sr. comandante Henrique Tenreiro o prometeu um dia), para que eles possam viver perto dos meios onde ganham o pão de cada dia e para que se acabe de vez com os imundos tugúrios, que nem para cavalgaduras servem. Não há em todo o Algarve maior miséria a respeito de habitação, do que nesta localidade, pois até as antigas cocheiras servem para residência de famílias inteiras e aglomerados de famílias.

Que a Junta Autónoma de Portimão mande também, conforme nos prometeu, construir o pequeno cais da Mexilhoeira. Que a Câmara de Lagoa, que desta zona levanta a sua maior receita, faça todos os esforços para que haja água nas oficinas e nas casas dos mexilhoieiros e que a estrada que atravessa a sua terra, e que é percorrida diariamente por dezenas de camionetas de carga e de passageiros, seja devidamente alcatroada. Uma vez realizados estes melhoramentos, que desde há muito deviam estar feitos, a Mexilhoeira progredirá e será a terra que todos os seus filhos desejam ardentemente. — X.

naquela idade em que tudo é ingenuidade, o destino separa-os. Ele, não se sabe porque, abandona os estudos para acompanhar o pai que tenta fortuna em África; ela, não se sabe porque artes, casa com um advogado de Lisboa e vem a adaptar-se aos usos e costumes da capital. Passam anos que no romance não têm história. Um dia, Manuela, sózinha, vai de visita breve à sua aldeia natal. Lá encontra Mauricio, identificado com a terra, embruteado, alheio às mais elementares regras de higiene! A despeito dessa incompatibilidade, as recordações de infância avivam-se e a pureza do antigo amor metamorfoseia-se em desejos algo pecaminosos! Sem que possamos suspeitar de qualquer problema de consciência (em que o romance é omissivo), ela aborrece o marido e a vida da capital, deixa-se dominar pelos instintos sem a mais leve reacção, e como se se tratasse de mulher acostumada a prostituir-se, procura enijos e... acaba por entregar-se ao primo! Os remorsos não de assaltá-la depois, passado o idílio, quando o marido, que nunca quisera filhos, começa a revelar um certo amor ao filho que julga ser seu. Este sentimento paternal, absolutamente lógico, determina em Manuela um arrependimento também lógico. No final, o rebento do amor ilícito morre, deixando aberto o caminho a outro filho que perpetua, a partir duma madrugada indecisa, a felicidade do casal.

Como se vê, no romance de Alberto Lopes há matéria de sobra para desenvolver uma tese de centenas de páginas. Pena foi que o autor tivesse passado em branco as partes mais transcendentais e onde, estou certo, ele teria sido capaz de firmar mais alto os seus inegáveis talentos de romancista.

J. Silva Carvalho

DE TUDO PARA TODOS

A quadra de hoje

Lá vai na rusga, contente,
Uma velhinha a cantar;
Fogueirinha ainda ardente
Que não se quer apagar...

MANUELA BARBOSA

O doce nunca amargou

Bolo de conforto — 250 grs. de açúcar em ponto de fio, 125 grs. de amêndoa bem pisada, 125 grs. de farinha, uma colher das de sopa de doce de chila, 5 ovos, sendo um com clara, e canela.

Quando o açúcar está em ponto de fio, tira-se do lume e junta-se-lhe a amêndoa e o doce de chila. Deixa-se esfriar e deita-se-lhe os ovos que devem ser batidos com para pão de ló, a canela e a farinha.

Vai ao forno em forma untada com manteiga.

Gambém na cozinha se

podem ser artífices

Rim de vitela — Corta-se o rim em pequenos quadrados, que se fritam em manteiga. Depois de frito, tira-se da frigideira. Dissolve-se num pouco de vinho branco uma colher de chá de farinha, junta-se salsa bem picada. Mistura-se tudo à manteiga e ferve um quarto de hora, mexendo-se sempre. Em seguida deita-se-lhe o rim, já frito, para aquecer.

Etiqueta

O hóspede deve procurar não causar incómodos, além dos estritamente necessários e normais, para as pessoas que o abrigam em sua casa, pois deve pôr de

lado a ideia de que tem o direito de desfrutar plenamente da sua condição.

Os recém-casados devem exibir os seus presentes, não a fim de mostrá-los, mas para que os doadores os vejam em conjunto.

O que eles pensavam

Dos grandes génios vêm, por vezes grandes males, e nunca vem senão bem de uma bondade honesta e grave. — Eça de Queiros.

O laço mais perigoso que a paixão arma é o véu do respeito em que se envolve. — Mme. Duras.

É mais fácil a mulher defender a virtude com os homens, do que a reputação com as mulheres. — Rochefort.

A restituição do respeito é muito mais dificultosa que a do dinheiro. — Padre António Vieira.

Ao consolarmos as desgraças alheias, sentimos menos as nossas. — Massillon.

A sagacidade faz adivinhar, a perspicácia faz ver. — C. Diane.

Um nome demasiado célebre é um fardo bem pesado. — Voltaire.

É agora não ria!

— Que pena não ter vindo um pouco mais cedo meu caro amigo; acabámos agora mesmo de almoçar.

— Não tem dúvida, eu espero pelo jantar.

Manuel da Silva Domingues

Agente das Tintas

«EXCELSIOR»

VILA REAL DE SANTO ANTONIO

IMPRENSA

«Diário da Manhã» — Passou o 28.º aniversário deste nosso prezado colega da capital, pelo que felicitamos o seu director, sr. dr. José Manuel da Costa e todos os camaradas que nele trabalham.

«Jornal de Caça e Pesca» — Safo o primeiro número deste quinzenário lisboeta, sob a direcção do sr. Carlos Alberto Pinto, o qual, como o título indica, tem como preocupação ocupar-se dos desportos da pesca e da caça. Boa apresentação gráfica, apesar de confeccionado numa modesta vila, o que demonstra que as artes gráficas vão subindo de nível na provincia. Desejamos-lhe longa vida.

«Boletim da Casa do Alentejo» — Entrou no seu 24.º ano de publicação este mensário, da direcção do sr. dr. Vitor Santos, o qual insere sempre largo noticiário sobre o Alentejo e boa colaboração. Felicitamo-lo.

«A Província» — Entrou no 4.º ano de publicação este nosso prezado colega do Montijo, da proficiente direcção de Álvaro Valente, escritor e jornalista muito apreciável.

**PULVERIZADORES-
-POLVILHADORES
motorizados**

'SOLO'

MODELO 1958

«SOLO» simplifica a técnica da luta contra os parasitas e doenças das plantas pela sua rapidez, eficiência e economia de:

**30% de produto
75% de mão de obra
80% de água**

OS MAIS PERFEITOS DESDE SEMPRE!!

Aceitam-se agentes para algumas áreas disponíveis

MICROMOTOR, L.D.A. - Av. Paris, 3 - Telex. 720164/65 - Lisboa

ATENÇÃO LAVRADORES DO ALGARVE

PROTEJAM AS VOSSAS CULTURAS AGRÍCOLAS!

Combatam a praga das cochonilhas graves utilizando os aparelhos «SOLO»

«SOLO» Os primeiros e sempre os melhores pulverizadores-polvilhadores motorizados para protecção de todas as plantas: árvores de fruto, vinhas, hortas, etc.

Menor eficiência, rapidez e grande economia dos produtos e mão de obra

TEMOS APARELHOS PARA ENTREGA IMEDIATA

Distribuidores exclusivos: MICROMOTOR, L.D.A., Av. Paris, 3 — LISBOA — Filiais em FARO, Telefone 733, e COIMBRA



Cum esta tinta até um bebé pinta!

FABRICA DE TINTAS E VERNIZES «EXCELSIOR»

J. A. HONRADO & CALLADO, LDA.

TRAV. DO GISTAL, 4 (à R. Aliança Operária) Tel. 637106 LISBOA